



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

ANO XIII — Nº 134

DISTRITO FEDERAL

SEXTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1946

SENADO FEDERAL

Mesa

Presidente — João Goulart (Vice-Presidente da República).
Vice-Presidente — Senador Apolônio Salles.
1.º Secretário — Senador Cunha Mello.
2.º Secretário — Senador Freitas Cavalcanti.
3.º Secretário — Senador Victorino Freire.
4.º Secretário — Senador Domingos Villasboas.
1.º Suplente — Senador Mathias Olympio.
2.º Suplente — Senador Prisco dos Santos.

Líderes e Vice-Líderes Da Maioria

Líder: Filinto Müller.
Vice-Líderes:
 Gaspar Velloso.
 Lima Guimarães.
 Gilberto Marinho.
 Lameira Bittencourt.

Da Minoria

Líder: João Villasboas.
Vice-Líder: Rui Palmeira.

Dos Partidos

DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

Líder: Filinto Müller.

DO PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

Líder: Lima Guimarães.
Vice-Líderes:
 Mourão Vieira.
 Saulo Ramos.

DA UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

Líder: João Villasboas.
Vice-Líder: Rui Palmeiras.

DO PARTIDO REPUBLICANO

Líder: Atílio Vivacqua.

DO PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

Líder: Reginaldo Cavalcanti.
Vice-Líder: Lino de Mattos.

DO PARTIDO LIBERTADOR

Líder: Novais Filho.

Comissão Diretora

Apolônio Salles — Presidente.
Cunha Mello.
Freitas Cavalcanti.
Victorino Freire.
Domingos Villasboas.
Mathias Olympio.
Prisco dos Santos.
Secretário: Luiz Nabuco (Diretor Geral da Secretaria).

Comissão de Constituição e Justiça

Lourival Fontes — Presidente.
Daniel Krüger — Vice-Presidente.
1.º:
 Gilberto Marinho.
 Benedito Valadares.
 Gaspar Velloso.
 Ruy Carneiro (2).
 Argemiro de Figueiredo.
 Lima Guimarães.
 Rui Palmeira.
 Atílio Vivacqua.
 Jorge Maynard.
(1) Substituído temporariamente pelo Senador João Villasboas.
(2) Substituído temporariamente pelo Senador Lameira Bittencourt.
Secretário — Odeneus Gonçalves Leite.
Reuniões — Quartas-feiras, às 10,30 horas.

Comissão de Economia

Carlos Lindenberg — Presidente (1).
Fernandes Fávora — Vice-Presidente.
1.º:
 Aó Guimarães (2).
 Mendonça Clark.
 Lima Teixeira (3).
 Alencastro Guimarães.
 Argemiro de Figueiredo.
 Juracy Magalhães (4).
 Lino Prestes.
(1) Lameira Bittencourt.
(2) Gilberto Marinho.
(3) Lima Guimarães.
(4) Mario Motta.
Secretária: Ily Rodrigues Alves.
Reuniões — Terças-feiras, às 15 horas.

Comissão de Educação e Cultura

Mourão Vieira — Presidente.
Públio de Mello — Vice-Presidente.
1.º:
 Gilberto Marinho.
 Mem de Sá.
 Saulo Ramos.
 Ezequias da Rocha (1).
 Reginaldo Fernandes.
(1) Substituído temporariamente pelo Sr. Atílio Vivacqua.
Secretário: Diva Gallotti.
Reuniões — Sextas-feiras, às 15,30 horas.

Comissão de Finanças

Alvaro Adolpho — Presidente.
Vivaldo Lima — Vice-Presidente.
1.º:
 Lameira Bittencourt.
 Ary Viana.
 Lima Guimarães.
 Onofre Gomes (1).
 Paulo Fernandes.
 Daniel Krüger (2).
 Carlos Lindenberg.
 Mathias Olympio.
 Fausto Cabral.
 Juracy Magalhães.
 Júlio Leite.
 Othon Mäder.
 Lino de Mattos.
 Novais Filho.
 Aura Moura Andrade.

Suplentes

Gaspar Velloso.
Otacílio Jurema.
Mourão Vieira.
Atílio Vivacqua.
Lino Prestes.
Mem de Sá.
(1) Substituído temporariamente pelo Sr. Francisco Gallotti.
(2) Substituído temporariamente pelo Sr. Rui Palmeira.
Secretário: Renato de Almeida Chermont.
Reuniões — Sexta-feira, às 10,30 horas.

Comissão de Redação

1 — Ezequias da Rocha — Presidente (1).
2 — Senação Archer — Vice-Presidente.
3 — Públio de Mello.
4 — Rui Palmeira.

3 — Saulo Ramos (1).
(1) Substituído, temporariamente pelo Senador Ribeiro Casado.
(2) Substituído, temporariamente pelo Senador Francisco Gallotti.
(3) Substituído, temporariamente pelo Senador Mourão Vieira.
Secretaria — Cecília de Rezende Martins.
Reuniões — Terças-feiras, às 15 horas.

Comissão de Relações Exteriores

João Villasboas — Presidente.
Georgino Avelino.
Bernardo Figue — Vice-Presidente.
Guilherme Marinho.
Benedito Valadares.
Lourival Fontes (1).
Gomes de Oliveira.
Rui Palmeira (3).
Moura Andrade.
(1) Substituído temporariamente pelo Sr. Atílio Vivacqua.
(2) Substituído temporariamente pelo Sr. Lima Teixeira.
(3) Substituído temporariamente pelo Sr. Mario Motta.
(4) Substituído temporariamente pelo Sr. Lima Guimarães.
Secretário: J. B. Castelo Branco.
Reuniões — Quartas-feiras, às 15 horas.

Comissão de Saúde Pública

Reginaldo Fernandes — Presidente.
Aó Guimarães — Vice-Presidente.
Pedro Ludovico.
Ezequias da Rocha.
Vivaldo Lima.
Secretaria: Diva Gallotti.
Reuniões — Quartas-feiras, às 15 horas.

Comissão de Legislação Social

Lima Teixeira — Presidente.
Ruy Carneiro — Vice-Presidente (1).
1.º:
 Lameira Bittencourt.
 Primo Beck (2).
 Lino de Mattos.
 Waldemar Santos.
 Sylvio Curvo.
 João Arruda.
 Ariando Rodrigues.

(1) Substituído pelo Sr. Ribeiro Casado.
 (2) Substituído pelo Sr. Moreira Filho.
 Reunião — Quartas-feiras, às 16 horas.
 Secretário — Pedro de Camargo Müller.

Comissão de Segurança Nacional

Osnir Gomes — Presidente.
 Cândido de Castro — Vice-Presidente.
 Pedro Ludovico.
 Moreira Filho.
 Alencastro Guimarães.
 Silvio Curvo (1).
 Jorge Maynard.
 (1) Substituído temporariamente pelo Sr. Mario Motta.
 Secretária: Romilda Duarte.
 horas.

Comissão de Serviço Público Civil

Prisco dos Santos — Presidente.
 Gilberto Marinho — Vice-Presidente.
 Reuniões — Quartas-feiras, às 17h.
 Ari Vianna.
 Abelardo Jurema.
 Cândido de Castro.
 Neves da Rocha.
 Mem de Sá.
 Secretária: Ly Rodrigues Alves.
 Reuniões — Quintas-feiras, às 16 horas.

Comunicações e Obras Públicas

Comissão de Transportes,

Jorge Maynard — Presidente.
 Neves da Rocha — Vice-Presidente.
 Waldemar Santos.
 Coimbra Bueno.
 Secretária: Maria Ocherubina Costa.
 Novais Filho (1).
 (1) Substituído temporariamente pelo Sr. Francisco Gallotti.
 Reuniões — Quartas-feiras, às 15 horas.

Comissões Especiais

Comissão de Revisão do Código de Processo Civil

João Villasboas — Presidente.
 Georgino Avelino — Vice-Presidente.
 Atílio Vivacqua — Relator.
 Filinto Müller.
 Secretário: José da Silva Lisboa.
 Reuniões — Quartas-feiras.

Comissão Especial incumbida de elaborar os Projetos do Código Eleitoral e do Código Partidário.

João Villasboas — Presidente.
 Mem de Sá — Vice-Presidente.
 Gaspar Veloso — Relator do Projeto do Código Eleitoral.
 Gomes de Oliveira — Relator do Projeto do Código Partidário.
 Lamela Bittencourt.
 Francisco Arruda — Secretário.

Comissão de Mudança da Capital

Coimbra Bueno — Presidente.
 Paulo Fernandes — Vice-Presidente.
 Atílio Vivacqua — Relator.
 Alberto Pasqualini (1).
 Lino de Mattos.
 (1) Substituído temporariamente pelo Sr. Primo Beck.
 Reuniões — Quintas-feiras.
 Secretário: Sebastião Vêga.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR GERAL
 ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
 MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
 MAURO MONTEIRO

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

Impresso nas Oficinas do Departamento de Imprensa Nacional
 AVENIDA RODRIGUES ALVES, 1

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior		Capital e Exterior	
Semestre	Cr\$ 50,00	Semestre	Cr\$ 73,00
Ano	Cr\$ 96,60	Ano	Cr\$ 76,00
Exterior		Exterior	
Ano	Cr\$ 136,00	Ano	Cr\$ 108,00

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

— O custo do número atrasado será acrescido de Cr\$ 0,50 e, por exercício decorrido, cobrar-se-ão mais Cr\$ 0,50.

Comissão de Estudos do Projeto do Edifício destinado ao Senado Federal em Brasília.

Cunha Mello — Presidente.
 Francisco Gallotti — Vice-Presidente.
 Gilberto Marinho.
 Coimbra Bueno (1).
 Jorge Maynard.
 Mourão Vieira.
 Isaac Brown — Consultor Técnico.
 (1) Substituído temporariamente pelo Sr. Frederico Nunes.
 Reuniões — Quartas-feiras, às 16 horas.
 Secretário — Alva Lino Rodrigues.

Comissão de Consolidação das Leis do Trabalho

Senadores

Lima Teixeira — Presidente.
 Ruy Carneiro.
 Argemiro de Figueiredo.
 Reginaldo Cavalcanti.
 Othon Mäder.
 Ernani Sátiro — Vice-Presidente.
 Aarão Steinbruch — Relator Geral.
 Tarso Dutra.
 Jefferson Aguiar.
 Cunha Mello — Presidente.
 Moura Fernandes.
 Lourgo Leite.
 Lourival de Almeida.
 Raimundo Brito.

Comissão Especial do Vale do Rio Doce

1 — Benedito Valadares — Presidente.
 2 — Othon Mäder — Vice-Presidente.

3 — Atílio Vivacqua.
 4 — Jorge Maynard.
 5 — Lima Teixeira.
 Secretária: Cecília de Rezende Martins.

Comissão Especial de Estudo da Política de Produção e Exportação.

Lima Teixeira — Presidente.
 Fernandes Távora — Vice-Presidente.
 Gaspar Veloso — Relator Geral.
 Mourão Vieira.
 Francisco Gallotti.
 Gilberto Marinho.
 Atílio Vivacqua.
 Frederico Nunes.
 Primo Beck.
 Assessor — Tomaz Pompeu de Azevedo.
 Secretário — Odenegus Gonçalves Leite.

Comissão de Reforma Constitucional para emitir parecer sobre Projeto de Reforma Constitucional n. 1, de 1956, que altera a Emenda Constitucional n. 2.

Atílio Vivacqua — Presidente.
 Lima Guimarães — Vice-Presidente.
 Gilberto Marinho.
 Ruy Carneiro.
 Saulo Ramos.
 Gaspar Veloso.
 Lourival Pontes.
 Cândido de Castro.
 Alvaro Adolpho.
 Alô Guimarães.
 Moreira Filho.
 Argemiro de Figueiredo.

João Villasboas.
 Daniel Krieger.
 Mem de Sá.
 Lino de Mattos.

Comissão Mista de Reforma Administrativa

Horácio Lafer — Presidente.
 Gomes de Oliveira — Vice-Presidente.
 Gustavo Capanema — Relator.
 Afonso Arinos — Relator.
 Elise Pina.
 Batista Ramos.
 Arnaldo Cerejeira.
 Filinto Müller.
 Ary Viana.
 Cunha Mello.
 Coimbra Bueno.
 Juracy Magalhães.
 Bernardes Filho.

Comissão Mista incumbida de sugerir medidas legislativas que regulem a organização político-administrativa, legislativa e judiciária da futura Capital da República.

SENADORES

Cunha Mello — Presidente.
 Gilberto Marinho.
 João Villasboas.

DEPUTADOS

Brasílio Machado Neto — Vice-Presidente.
 Adauto Lucio Cardoso.
 João Machado.
 Secretário — Mécio de Sant'Ana.
 Auxiliar — Alva Lino Rodrigues.

Atas das Comissões

Comissão de Constituição e Justiça

ATA DA 16.ª REUNIÃO (EXTRAORDINÁRIA) REALIZADA NO DIA 9 DE OUTUBRO DE 1958 ÀS 15,3 HORAS.

Sob a presidência do Senador Lourival Fontes, Presidente, presentes os Senadores Atílio Vivacqua, Rui Palmeira, Gilberto Marinho, Lima Guimarães e Jorge Maynard, reuniram-se extraordinariamente a Comissão de Constituição e Justiça.

Foi aprovada a ata da reunião anterior, cuja leitura é dispensada.

Dexaram de comparecer os Senadores João Villasboas, Benedito Valadares, Gaspar Veloso, Lamela Bittencourt e Argemiro de Figueiredo. O Sr. Presidente comunicou aos senhores a finalidade da reunião e concedeu em seguida a palavra ao Senador Atílio Vivacqua, que fez seu parecer sobre o veto n.º 6, de 1958 do Sr. Prefeito do Distrito Federal ao Projeto de Lei n.º 86-E de 1955, da Câmara do Distrito Federal, que traça normas sobre cursos de auxílio de enfermagem, e de outras providências.

O Relator se manifesta de acordo com as razões apresentadas pelo Sr. Prefeito, vetando os artigos 6.º e 7.º e seus parágrafos 1.º e 2.º.

Ponto a votos, é o parecer aprovado sem debates.

Nada mais havendo que tratar, o Sr. Presidente encerra a reunião, para constar, eu, Odenegus Gonçalves Leite, Secretário, lavro a presente ata, que depois de aprovada será assinada.

As 14 horas e 30 minutos acham-se presentes os Srs. Senadores:

Vitaldo Lima — Mourão Vieira — Prisco dos Santos — Waldemar Santos — Leonidas Mello — Onofre Gomes — Reginaldo Fernandes — Ray Carneiro — Apolônio Salles — Novas Filho — Jarbas Maranhão — Ezequias da Rocha — Freitas Cavalcanti — Rui Palmeira — Jorge Maynard — Lourival Fontes — Neves da Rocha — Lima Teixeira — Carlos Lindenberg — Atílio Vivacqua — Ary Vianna — Moreira Filho — Arlindo Rodrigues — Alencastro Guimarães — Caiado de Castro — Gilberto Marinho — Lima Guimarães — Lino de Mattos — Paulo Abreu — Domingos Vellasco — Othon Mader — Gomes de Oliveira — Francisco Galloiti. (32)

O SR. PRESIDENTE:

— A lista de presença acusa o comparecimento de 32 Srs. Senadores. Havendo número legal, está aberta a sessão.

Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Suplente, servindo de 2º Secretário, procede à leitura da ata da sessão anterior, que, posta em discussão, é sem debate aprovada.

O SR. PRESIDENTE:

— Vai ser lido ofício do nobre Senador Ezequias da Rocha.

E' lido o seguinte

OFÍCIO

Senhor Presidente: Penho a honra de comunicar a Vossa Excelência, para os fins convenientes, que, tendo deliberado desistir do restante da licença em cujo gozo me achava, nesta data reassumo o exercício do meu mandato.

Sala das Sessões, 9 de outubro de 1958 — Ezequias da Rocha

O SR. PRESIDENTE:

— Sobre a mesa requerimento que vai ser lido.

E' lido o seguinte

Requerimento n. 368, de 1958

Requeremos, com fundamento nos arts. 95, 125, parágrafo único, letra e, e 127, letra f, do Regimento Interno, que o Senado Federal, solidarizando-se com a consternação que domina não somente o povo brasileiro, mas também a quantos, em todo o universo, se conservam fiéis à civilização cristã, ou nela não integrados, sabem cultivar as figuras que mais se recomendaram à admiração dos homens, dedique a presente sessão a reverenciar a memória de Sua Santidade o Papa Pio XII, em quem a humanidade teve uma de suas mais altas e nobres expressões e um dos seus mais iluminados e seguros guias.

Requeremos mais as seguintes homenagens ao excelso Pontífice:

a) inserção em ata de um voto do mais profundo pesar pelo seu desaparecimento;

b) apresentação de condolências ao Sr. Nuncio Apostólico e a Sua Eminência o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro;

c) designação de uma Comissão de cinco membros para representar esta Casa nas suas exéquias.

Sala das Sessões, 9 de outubro de 1958. — Gilberto Marinho. — Rui Palmeira. — Atílio Vivacqua. —

ATA DA 118.ª SESSÃO DA 4.ª SESSÃO LEGISLATIVA, DA 3.ª LEGISLATURA, EM 9 DE OUTUBRO DE 1958

PRESIDÊNCIA DO SR. APOLÔNIO SALLES

Sumário

DISCURSOS PROFERIDOS

Senadores Gilberto Marinho, Rui Palmeira, Domingos Vellasco, Jorge Maynard, Atílio Vivacqua, Gomes de Oliveira e Novas Filho. Homenagens à memória de S. S. o Papa Pio XII.

MATÉRIA VOTADA

Requerimento n. 368, do Sr. Gilberto Marinho e outros Srs. Senadores, solicitando as seguintes homenagens à memória de Sua Santidade o Papa Pio XII: a) inserção em ata de um voto do mais profundo pesar pelo seu desaparecimento; b) apresentação de condolências ao Sr. Nuncio Apostólico e a Sua Eminência o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro; c) designação de uma Comissão de cinco membros para representar esta Casa nas suas exéquias. (Aprovado).

Onofre Gomes. — Gomes de Oliveira. — Moreira Filho. — Novas Filho. — Francisco Galloiti. — Domingos Vellasco. — Othon Mader. — Carlos Lindenberg. — Leonidas Mello. — Freitas Cavalcanti. — Prisco dos Santos. — Waldemar Santos. — Jorge Maynard. — Lima Guimarães. — Ezequias da Rocha.

O SR. PRESIDENTE:

Em votação o requerimento.

Tem a palavra o nobre Senador Gilberto Marinho, para encaminhar a votação.

O SR. GILBERTO MARINHO:

(Para encaminhar a votação) — Sr. Presidente, dentro do lato universal da Cristianidade, a maioria do Senado da República com o coração confrito voltado para a cripta de Pedro, onde repousará o sono eterno o Pastor Angélico, presta neste instante a homenagem de respeitosa reverência e de profunda afeição, a que tanto se habituara a tributar, lha e mvida, durante seu gloriosíssimo pontificado.

Pio XII sempre valorizou a viva consciência que o povo brasileiro, em do patrimônio espiritual que desde os primeiros tempos do descobrimento recebeu como preciosa herança dos ancestrais, do amor sem reserva pela Igreja de Cristo, a fidelidade inquebrável que lhe fez ver na Cátedra de Pedro a base divina da fé, a veneração filial com que o contemplava no seu exemplo de grande apostólica, de intrépida formação, de incorruptível retidão, de amor, sempre em luta pela paz que dele emanava para a humanidade, através de todas agitações, tal um dom de Deus providencialmente adaptado às circunstâncias.

Não foi este o único Papa contemporâneo a favorecer a Ciência e a exercer o apostolado da Paz.

Quas todas as figuras excelsas dos últimos Pontífices certamente o fizeram antes dele.

Pio XII porém foi mais longe. Não se limitou a evangelizar a Paz, encarnou humanamente ele próprio o sentimento universal da Paz; a sua voz e a sua alma; deixou o primeiro corpo de doutrinas, moderno, coerente e lógico, com que a Igreja contribuiu para a Organização Jurídica do Mundo. Mundo.

A Paz foi a preocupação que nunca o abandonou durante todo o seu reinado. A paz das consciências, a paz entre os cidadãos de uma mesma Nação — a paz entre os povos.

Pio XII defendeu a causa sagrada da pessoa humana, da sua dignidade, da sua liberdade.

Seguiu, também, essa sua atitude a tradição da Igreja em todos os tempos.

Mas fez-lo em condições de tal modo excepcionais que parecia que desde Cristo, nenhum homem falara como o Chefe da Cristandade que encarnava na sua pessoa, em um dos momentos mais patéticos da história da consciência universal.

Soube conchamar os povos civilizados a reunirem-se em torno da personalidade humana ameaçada, por todos os lados. As doutrinas sociais totalitárias, opôs sempre a doutrina social da Igreja.

A Igreja é antes de tudo a depositária autêntica e fiel dos ensinamentos de Cristo.

No exercício do seu magistério através dos tempos ela é o eco exato da voz de Quem disse: Eu sou a luz do Mundo.

Mas a Igreja é ao mesmo tempo a Mãe das almas e dos povos. O sofrimento dos seus filhos a comovem; as suas necessidades despertam-lhe a solicitude e o carinho.

Conciliando admiravelmente as duas funções de mestra e de Mãe, ante as dores e o mal estar provocado pelo desajustamento social adaptou pelos lábios do seu Pastor as lições, eternas do Evangelho aplicando às condições presentes à sociedade.

Pio XII acentuou sempre o valor e a nobreza do trabalho humano que pelas suas ligações essenciais com a própria pessoa do homem, não pode ser rebaixada ao nível de uma mercadoria vulgar.

Sublinhou a necessidade de uma distribuição das riquezas mais em harmonia com as exigências da justiça e as inspirações generosas da caridade.

Inspirou a criação de novas instituições sociais que facilitassem na ordem prática, a execução imediata destes ideais superiores de vida social que condicionam a paz e a prosperidade das nações.

Afirmou invariavelmente aos trabalhadores que em qualquer conjuntura seria sempre para eles um defensor e um pai e que a Igreja não se pode esquivar à missão divina de guiar, proteger e amparar sobretudo os que sofrem, os mais necessitados.

Pio XII também não se limitou a favorecer o desenvolvimento da ciência; foi ele mesmo, sob o esplendor da teara, a personificação da própria ciência, espírito onimodo versado em quase todos os gêneros do conhecimento humano, eloquência cristalina servida por um dos momentos mais patéticos que o nosso tempo conheceu.

Só consigo restar instante mágica a indizível mágoa da Igreja, é a homenagem verdadeiramente única que todo o mundo rende a Pio XII.

Todos os homens de Estado e todos os povos manifestaram ao grande Papa a sua admiração, o seu reconhecimento, o seu amor. Essa unanimidade mundial é uma das mais belas que a Igreja já alcançou através dos séculos.

Aclamava-se o Pontífice esclarecido que espalhava a luz sobre todos os problemas contemporâneos, o intrépido guardião da civilização cristã, o lutador genial que se ergueu contra os potentados do dia para defender os perseguidos.

Ele sentiu todas as grandes causas dos povos e por isso a sua morte foi para todos uma partida infinitamente dolorosa.

Os povos sabem que perdem um sábio, um guardião vigilante dos seus mais altos interesses, o seu verdadeiro protetor, e do modo mais conveniente proclamam a sua dor, o seu reconhecimento, o seu amor perante o mundo inteiro. Tratando dos maiores problemas do indivíduo, da família e da vida social, em não poucas oportunidades, Pio XII evidenciou pelo nosso país singular afeto e simpatia.

Por todas essas razões neste momento 60 milhões de brasileiros se ajoelham compungidos, elevando as preces da sua devoção filial e do seu fervor religioso em homenagem a um dos maiores espíritos do século e honrando a memória de um dos maiores Papas da História. (Muito bem).

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Rui Palmeira.

O SR. RUI PALMEIRA:

(Para encaminhar a votação — 1.º e seguinte discursos) — Senhor Presidente, se uma prece coubesse, uma prece seriam as nossas palavras. Elas se voltariam para Deus a pedir que no seu céu recebesse a alma do grande Pastor. Ela deixava serena um mundo inquieto, conturbado, onde durante uma vida prevar, aconselhara, orientada, conduzia, sob a divina inspiração não só um rebanho de fiéis, mas a humanidade insegura que se toda não o seguiu pela fé o fazia pela esperança. Mas não, é uma prece a palavra deste momento, embora a criação mais humilde sirva a

alma mais santa. Cabe-nos pronunciar uma mensagem de dor, da dor que envolve todo o mundo. Da dor que sente o povo brasileiro na sua predominante parte católica, do pesar que na sua totalidade o domina. A humanidade, sensível à admirável conduta do Santo Padre nos dias mais difíceis dos tempos modernos, votava-lhe o respeito de que viveu cercado. Fora um grande Papa. Levava a Igreja através de dias tormentosos triunfante e crescente, cuidando, dado inteiramente à missão que lhe confiara o Senhor. Estadista, se mostrou das maiores do século, vencendo crises políticas, com a sua extraordinária vocação de diplomacia, com uma energia que estorrou ditadores, utilizando a sua infinita autoridade no esforço inextinguível de salvar a civilização cristã. Nenhum perigo o embarçou no esforço de assistir e confortar aos que sofriam as vicissitudes ou eram tomados das aflições da guerra. Nenhum empecilho foi forte para ausentá-lo do estudo e da solução dos problemas sociais que atormentavam o mundo dos nossos dias. Ninguém o excedeu no trabalho em favor da paz, constante e parece que impossível anseio dos povos. Com o Papa que morre, morre um grande líder da humanidade. Todos lhe choram a ausência. Mais que todos o rebanho privado do Pastor. Em todas as igrejas do mundo católico o pesar ensombra almas em preces. Profundo é também o pesar que envolve o povo brasileiro. Estamos certos de que o interpretamos dando o nosso comovido apoio às homenagens que o Senado presta à memória do Santo Padre Pio XII. *(Muito bem)*.

O SR. PRESIDENTE:

— Tem a palavra o nobre Senador Domingos Vellasco.

O SR. DOMINGOS VELLASCO:

(Para encaminhar a votação — Lê o seguinte discurso) — Sr. Presidente, parece a muitos incompreensível que justamente na hora em que a humanidade mais necessita da ação e dos conselhos de Pio XII, haja ele sido chamado aos Céus pelo nosso Deus. E que os desígnios da Providência Divina pairam acima da compreensão humana. Deus o levou; neste momento conturbado, a ele que melhor encarnou, neste século, o espírito da luta pela paz e pela fraternidade entre os homens.

Voz que clamou no deserto, em 1939 — Pio XII não conseguiu evitar aquela guerra que destruiu dezenas de milhões de vidas, sem conseguir resolver os problemas internacionais que, ao contrário, se agravaram da maneira que sabemos. E que as divergências entre as Nações devem ser resolvidas pela inteligência e pelo coração e nunca pelos conflitos armados.

Pio XII morreu, mas eternos são os ensinamentos que nos legou. Ao lema pagão do "si vis pacem, para bellum", ele opôs o lema cristão "si vis pacem, para pacem".

Se queremos a paz, devemos trabalhar por ela. Como? Imprimindo nos nossos atos e palavras o sentido pacífico. Impossível manter a paz, se adotamos os métodos guerreiros. Em vez da intriga, temos de usar a compreensão entre os povos. Todo ato ou palavra que importa em agravar a tensão internacional, é um esforço contra a paz, o qual devemos evitar. Os que em vez de ajudarem os blocos de nações a resolver pacificamente as suas divergências, desejam incitá-los à guerra, através de posições odiantas e conceitos in-

famantes, são os loucos de nosso tempo, contra os quais Pio XII não cessou de clamar.

Pio XII não foi, porém, apenas o Papa da Paz — foi também o Papa da questão social. Lembro-me bem daquela manhã de 26 de janeiro de 1952, quando tive a ventura de ser recebido por Sua Santidade em audiência especial no Vaticano. Estava na Europa, há cerca de quatro meses. Na Bélgica eu estudara as organizações operárias católicas. Dali, pelas mãos do Padre Pedro Beltrão, S. J. fui posto em contato com o Padre Clement Mertens, S. J. que dirigia, em Roma, o Instituto de Sociologia da Universidade Gregoriana, por intermédio do qual conheci Monsenhor Luigi Civardi, Assistente eclesiástico nacional e um dos fundadores da A.C.L.I., cujas obras notáveis eu já lera. Em Roma, como em Bruxelas e Paris, nas minhas conversas com os mais responsáveis pelo movimento operário católico — recebendo e dando informações — pude sentir que lá, como aqui, os católicos que se dedicam à causa operária, recebem de certos setores a mesma suspeita e sofrem as mesmas incompreensões.

Foram aqueles amigos de Roma que julgaram prudente que eu submetesse diretamente à Sua Santidade o Papa Pio XII, a questão de saber se devia, ou não, continuar no meu trabalho, aqui no Brasil — trabalho que, aliás, tinha tido a aprovação de S. Eminência o Cardeal Câmara e de S. Ex. Revma. D. Emmanuel Gomes de Oliveira, saudoso arcebispo de Goiás.

No dia 26 de janeiro de 1952 — inesquecível para mim — expus a Pio XII o meu problema. Lembro-me nitidamente de suas palavras proferidas em português. Quanto às incompreensões, disse-me Sua Santidade, elas eram naturais. Quem está na Vanguarda, recebe os primeiros golpes. E quanto ao meu trabalho, acrescentou S. S. — eu o abenço de todo o coração, como abenço todos aqueles que defendem as justas reivindicações dos operários. Tudo isso relatei, ao chegar ao Brasil, a meus arcebispos acima citados. E prossegui no meu trabalho.

Foi para mim, Sr. Presidente, o melhor dia da minha vida, aquele 26 de janeiro de 1952 — o dia em que, ajoelhado aos pés de Pio XII, recebi a sua bênção apostólica.

Divulgo esse fato, nesta hora, para que os trabalhadores brasileiros compreendam a imensa perda que sofremos com a morte de Pio XII — o grande amigo da classe operária e o grande incentivador da ação social católica.

Mas, como disse D. Heider Câmara, se perdemos um Papa, ganhamos um Santo para os nossos altares. *(Muito bem)*.

O SR. PRESIDENTE:

Dou a palavra ao nobre Senador Jorge Maynard.

O SR. JORGE MAYNARD:

(Lê o seguinte discurso) — Sr. Presidente, representante de um povo eminentemente católico, não poderia deixar de externar a imensa mágoa que enche o coração dos sergipanos, nesta hora em que a humanidade inteira lamenta profundamente o desaparecimento de Sua Santidade, o Papa Pio XII.

Com a morte do maior vulto do mundo atual, perde a Cristandade o seu grande guia.

São amplamente conhecidos e admirados os ingentes e perseverantes esforços de Pio XII, no sentido de

conseguir para os homens dias melhores, cheios de paz e de justiça, tudo a comoverem até os mais rudes chegando mesmo os seus apelos e atigações.

Com a sua iluminada sabedoria, seus conselhos e decisões, o Sumo Pontífice, ora desaparecido, orientou com extraordinária segurança, com fraternal compreensão e com admirável docura, a Igreja Católica e todos os povos que ouviam a sua palavra.

Os grandes problemas que afligem o homem moderno foram objeto do mais desvelado estudo de Sua Santidade.

Para esses problemas, apresentou soluções sábias e humanas, fundadas nos nobres preceitos da moral cristã.

A simpatia e amizade que devotava ao Brasil, manifestada com freqüência e de maneira inequívoca, fê-lo ainda mais respeitado e amado pelo povo brasileiro.

A perda que ora lamentamos é imensa, sendo impossível traduzi-la nestas rápidas e descoloridas palavras, alinhavadas com profunda emoção.

Que Pio XII continue a interceder junto a Deus, em favor desta humanidade, cada vez mais carente do amparo divino. *(Muito bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Atílio Vivacqua.

O SR. ATTILIO VIVACQUA:

(Não foi revisto, pelo orador) —

Sr. Presidente, o coração da humanidade volta-se, consternado, para a Cidade Eterna, sob o glorioso clarão da vida de um sábio, de um santo e de uma das maiores figuras históricas.

Sua Santidade Pio XII representa, não só aos olhos da cristandade, mas do mundo, um dos valores espirituais mais altos que a história assinala. Discípulo de Bento XV, sentiu as tremendas realidades da 1.ª Guerra e, depois, principal colaborador de Pio XI, ascendeu ao Pontificado, através de um currículo atígio marcado pelo sofrimento e pelo estudo e a experiência dos problemas sociais e internacionais.

Precisamente quando os horrores da guerra mundial eram mais tremendos e desesperadores, a legenda de seu escudo "opus, justitiae, pax" — a paz é obra da justiça — encerrava uma nova esperança.

Todo seu pontificado foi uma pregação permanente da concordia humana, e de condenação da injustiça e das iniquidades.

O então Monsenhor Pacelli, ao apresentar, em 1917, suas credenciais de Nuncio junto à Corte da Bavária, dizia: uma paz justa e duradoura não pode descansar sobre outras bases que não sejam as do direito público cristão.

Dirigi sua palavra admonitória aos estadistas e aos povos, conclamando para o entendimento, que evitasse o fratricídio universal.

Na sua mensagem de Natal de 1955, às vésperas do conflito, sintetizava as cinco condições de uma paz justa: 1.º — direito à vida e ao progresso para todas as Nações; 2.º — redução dos armamentos; 3.º — constituição de organismo jurídico internacional; 4.º — exame das justas reclamações por parte das minorias étnicas e dos povos menos desenvolvidos; 5.º — os valores transcendentais da justiça.

Nesta Casa, onde entronizamos a imagem de Cristo, como Supremo Legislador, assim como em todos os parlamentos do mundo, ressoou sua advertência aos homens públicos dizendo: "Desde o momento em que depo-

sitam nas urnas o seu voto, milhões de eleitores põem sua sorte em suas mãos. Durante a legislatura felicidade ou infelicidade, sua prosperidade econômica, social, cultural, política, ficam, mais ou menos, nitidamente dependentes do voto mativo ou negativo que dão aos jeitos de lei que constituem matéria vossas discussões e deliberações".

Sua confiança na justiça e no direito foi uma afirmação consubstancial de seu pontificado, e teria causado sensação, não só dos prios católicos, o pensamento ex. Sua Santidade observava que, se ligadas, embora tenham sido um mais poderosas forças de construção da história, aparecem antes como elemento de desunião do fator de unificação da humanidade. A união mundial a que tende a época não pode ser construída sobre o fundamento da organização jurídica de todas as nações. A unidade do gênero humano, a da formação de uma reta consciência jurídica.

Sua mensagem sobre democracia uma das mais fervorosas orações de confiança nas conquistas do direito da liberdade. Todos os problemas, que absorvem a atenção do mundo contemporâneo, no científico, técnico, educacional, político, econômico, social, foram o de suas preocupações e tratados objetivamente, de tal ordem que encíclicas e discursos poderiam constituir uma das mais ricas e belas antologias do espírito humano.

Nele encontramos o continuado Leão XIII, sempre identificado as justas reivindicações das mães trabalhadoras.

Muito sensível para nós, pais e filhos, é sua mensagem sobre os direitos e o trabalhador rural que considerava um colaborador de Deus.

Destaca-se como um dos mais reformadores da Igreja, sendo considerado neste ponto, por vezes, pontífice-revolucionário.

Condenando os abusos da riqueza e da exploração do capital, torna-se um dos maiores paladinos da luta dos fracos e dos humildes na fase de tantas iniquidades sociais.

Quantas vezes formulou conselhos e censuras contra os católicos que não praticam o cristianismo, sacrosantos e fiéis.

Na mensagem de Natal de 1956, exclamava que não cumprem os seus deveres os sacerdotes e fiéis que "cerram voluntariamente os olhos a boca ante as injustiças sociais que estão presenciando, dando ocasião a ataques injustos contra a capacidade social do cristianismo e eficácia da doutrina social da Igreja".

O Brasil, que surgiu sob o signo da Cruz, nação formada dentro da doutrina e do sentimento cristãos, recebeu com a mais fervorosa fé última bênção do Santo Pontífice, sabe compreender e glorificar o ob de Sua Santidade, a obra eterna serviço da justiça e da fraternidade humana, sintetizada na divindade que Pio XII legou à humanidade: "opus, justitiae, pax". — paz é obra da justiça. Divindade que ensinou, defendeu e viveu. *(Muito bem)*.

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Gomes de Oliveira.

O SR. GOMES DE OLIVEIRA:

(Para encaminhar a votação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, o Partido Trabalhista Brasileiro não podia deixar de associar-se às justas homenagens à memória de Pio XII, cujo desaparecimento emocionou o mundo. Sua morte contrangeu nosso País que, desde os seus primórdios, tem recebido influência tão ampla, tão profunda e tão benéfica da Igreja Católica, pela sua expansão na vida espiritual brasileira.

Pio XII, a grande figura desaparecida, impressionou-nos pela magestade do seu pontificado, do seu reinado sobre a terra, sobre os povos católicos, como o nosso, em que a fé é a tradição dos brasileiros.

Marcante na sua personalidade de Sumo Pontífice, era a característica do seu espírito, de sua mentalidade adaptada às circunstâncias modernas da vida dos povos, qual seja a compensação dos problemas sociais. Sua influência profunda fez-se sentir na atuação da Igreja, em todo o mundo, sobretudo no Brasil, como há poucos vimos, no Congresso de Goiânia, em que os Bispos lançaram manifesto acorde com as idéias que nós trabalhistas sempre defendemos, idéias que se podem resumir na preocupação pela sorte dos pequenos, dos menos favorecidos. Pio XII tem na sua vida, na sua atuação de Sumo Pontífice, essa característica que não podia deixar de impressionar aos homens filiados a uma corrente política como a do orador.

Falo em nome do meu Partido, o Partido Trabalhista Brasileiro, que se associa às justas homenagens que o Senado está prestando, e dá seu voto favorável ao requerimento. (Muito bem!).

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador N. vaes Filho.

O SR. NOVAIS FILHO:

(Para encaminhar a votação) — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, disse muito bem o nobre representante de Santa Catarina que se voltarmos uma vista retrospectiva sobre os primórdios da nacionalidade encontraremos batalhando numa luta quotidiana, num interesse mais vivo e mais alto pelos ideais da nacionalidade, a Igreja Católica a que pertencemos.

Em nossa terra mesmo, toda vez que reverenciámos o túmulo dos nossos mártires, toda vez que vamos aqueles campos sagrados onde tombaram os heróis de Pernambuco e do Brasil, lá encontramos mártires sofredores e, juntamente, com eles, as baginas liberais de nossa Pátria. Daí por que, além do arraigado sentimento católico que orienta e inspira a nacionalidade temos profundos motivos de reconhecimento para com a Igreja, temos profundos motivos de reconhecimento para com a Igreja, que instruiu o Brasil, que ensinou o Brasil e que ajudou, em diferentes rampas, a estruturar a própria economia brasileira; mais que isso, a Igreja Católica foi sempre a vanguarda das grandes marchas nacionais, empenhando-se até fundamentealmente para a vitória dos grandes ideais que temos defendido de Democracia e Liberdade.

Daí star, nosso País entre aqueles que mais sentiram, nesta hora, o desaparecimento do Sumo Pontífice; daí o Brasil se solidarizar com tanta razão com o luto da nossa Igreja.

ja, com o luto justificado da nossa religião.

Sr. Presidente, seria até a hora propícia para o retrospecto, mesmo longínquo, da ação da Santa Igreja, da vida dos Sumos Pontífices; mas requereria longo tempo e não é minha intenção enfiar os eminentes Pares.

OS SRS GOMES DE OLIVEIRA E DOMINGOS VELASCO — Não apoiado!

O SR. NOVAES FILHO — Senhor Presidente, se voltarmos àqueles tempos idos mas ainda próximos dos em que vivemos, somente motivos de orgulho, somente motivos de respeito, somente motivos de admiração encontramos nos católicos diante das altas figuras que têm dirigido o catolicismo. Se voltarmos àqueles dias de bondade e de fausto intelectual, de vida e de glória de Leão XII, àqueles tempos suaves de fé, àqueles dias de santidade com que Pio XI tanto elevou seu pontificado, chegaremos à vida extraordinária de Bento XV, que, na primeira Guerra Mundial, se comportou como apóstolo e também como estadista.

Quem esquece os serviços prestados por Bento XV a toda a Humanidade? Quem olvida a assistência que a Igreja Católica levou a todos os recantos da terra onde haviam apenas gemidos, dor e sofrimento?

Quem esquece que o Vaticano foi, no seu pontificado, o centro, por excelência, de todas as informações e o lugar onde encontravam certo consolo as pessoas que desejavam notícias dos entes queridos, dispersos pela guerra tremenda?

Quem esquece aquela trégua do Natal que só Bento XV, com a autoridade moral e a inspiração de homem de Estado e de homem santo, poderia obter para que a Humanidade tão sofredora tivesse ao menos algumas horas para meditação e repouso de espírito?

Desaparece agora o último dos Papas, figura extraordinária que o Brasil conheceu pessoalmente porque aqui esteve, como Cardeal Legado, em sua passagem para o Congresso Eucarístico Internacional realizado em Buenos Aires.

Sr. Presidente, alegro-me o coração declarar que por cinco ou seis vezes tive ensejo de me aproximar de S. S. algumas vezes recebido em Roma, em audiência privada.

A impressão que a todos nós aqueles homens causava era, realmente, a de um dos líderes exponenciais da humanidade.

Lembro-me que o meu particular, distinto e saudoso amigo, General Canrobert Pereira da Costa, homem de sensibilidade, de cultura, grande brasileiro e brioso soldado que tão bem soube servir ao Brasil e aos seus ideais, dizia-me que, no salão de audiências, em Roma, quando aquele vulto vestido de branco dele se aproximava, sentia a maior emoção de sua vida pública, em contato com Chefes de Estado, emoção tão profunda que não pudera conter as lágrimas.

Dou esse testemunho de um cidadão valente, destemido cabo de guerra, eminente brasileiro que, diante daquela figura, sentiu-se presa de impressão tão viva e de tão acentuada admiração.

Sr. Presidente, destes os sentimentos que nos assaltavam ao nos aproximarmos do grande Chefe da Igreja Católica que, para tocar ainda mais à nossa alma de brasileiros, ao nosso coração de católicos, nos falava na nossa própria língua, nos dizia dos

seus sentimentos no mesmo idioma em que exteriorizávamos tudo o que val no íntimo. Esse o grande Pontífice que deixa a Humanidade chorando-lhe a falta, não apenas de Chefe da Igreja Católica, no mundo mas sobretudo o desaparecimento de um grande, autêntico líder da Humanidade.

Os dias do Pontificado de Pio XII foram terríveis, de guerra, de sofrimento, de lutas como o mundo jamais conhecera na separação tremenda do Universo em dois campos ideológicos. Através, no entanto, da sua bondade, da sua presença sempre paternal nunca lhe faltou, nas decisões, aquelas diretrizes seguras do Chefe, sereno mas energético, paternal, mas destemido, de homem que, acima de tudo, cumpria o dever defendendo, sobre a terra os desígnios, a vocação e a História da Igreja Católica.

Diante da saudade a que se entregava, com justiça, o povo brasileiro pelo desaparecimento do Chefe da nossa Igreja, raia, entretanto, para todos nós, a grande esperança, mais que isso, a certeza de que dentro em poucos dias um grande Chefe de Estado será escolhido por representantes de todos os continentes, de quase todas as Nações, para dirigir o barco de São Pedro, que jamais sofrerá derrotas nas suas diretrizes. Sendo, em verdade, barco de fé, barco de bondade, é realmente, o refúgio em que todos os que têm fé encontram para as suas necessidades, para a tranquilidade dos seus espíritos e para aguardarem, no futuro, aqueles dias grandiosos que só a fé nos pode prometer.

Estou certo de que o povo que eu e V. Ex.ª representamos nesta Casa, eminentemente católicos, está inteiramente solidário com a Nação brasileira nesta hora em que todos nos inclinamos cheios de saudade e veneração, e cheios, ao mesmo tempo, de orgulho diante do túmulo de um grande Papa, uma expressão do universo, de uma grande inteligência e cultura a serviço de sua religião e a serviço de todos os povos. (Muito bem!).

O SR. PRESIDENTE:

Antes de nomear a Comissão de que trata o requerimento, associe-me, em meu nome e no da Mesa, às homenagens que vêm sendo prestadas pelo Senado da República à memória do Sumo Pontífice, o Papa Pio XII.

Meu coração de católico e de brasileiro justifica a emoção que nesta hora experimento, ao incorporar-me às homenagens prestadas à memória do Santo Padre Pio XII, 2.ª que me habituei a ver, na pessoa de S. Sa., um expoente da Santidade da Igreja e uma demonstração e testemunho de que a Igreja Eterna jamais envelhece e sempre tem, dentre seus filhos, alguém que exprime e encarna a sublimidade de sua doutrina e a grandza de seus ideais.

Pio XII foi na terra, sem dúvida, o exemplar perfeito de toda a tradição e atualidade da Igreja Católica Apostólica Romana. De toda a tradição porque ninguém mais que ele veio para que fossem conservadas as tradições da Igreja, desde a Liturgia até às tradições de bondade, de sinceridade e firmeza, de que os Sumos Pontífices sempre deram exemplo ao mundo; e de toda a atualidade, porque dentre os Sumos Pontífices da Igreja nenhum outro ousou adiantar-se mais aos séculos, nas suas definições, nas suas opiniões francas e na exterioração da consciência católica.

Jamais teve ele receio de falar sobre os problemas mais controversos

da ciência moderna, quer da ciência pura, quer da ciência dogmática, quer dos assuntos da moral.

S. Sa., foi, sem dúvida, para todos os católicos do mundo, para toda a Cristandade, para todos os povos, mais que um exemplo; foi o protótipo da bondade, da grandza e da sinceridade de virtudes.

Associe-me, repito, emocionado, às homenagens que se prestam à memória de Pio XII; e designo os nobres Senadores Gilberto Matarão, Lima Teixeira, Othon Mäder, Ezequias da Rocha e Novaes Filho para representarem o Senado, nas suas exéquias. (Pausa).

Vou encerrar a sessão. Desgo para a de amanhã a seguinte —

ORDEN DO DIA

TRABALHO DAS COMISSÕES
Está encerrada a sessão.
(Levantar-se a sessão, às 15 horas e 30 minutos).

SECRETARIA DO SENADO FEDERAL.**ATO DO DIRETOR GERAL**

O Diretor Geral mandou constar dos assentamentos individuais de Votação de Alvaranga Malta o seguinte:

- 1 — Diploma do Curso Geral Superior do Instituto, La-Physique.
- 2 — Curso de Chefe dos C. A. do D. A. S. P.
- 3 — Curso de Evolução da Administração Pública Brasileira dos C. A. do D. A. S. P.
- 4 — Curso de Economia dos C. A. do D. A. S. P.
- 5 — Curso de Metodologia da Organização dos C. A. do D. A. S. P.
- 6 — Curso de Tiroamento e Aperfeiçoamento de Pessoal dos C. A. do D. A. S. P.
- 7 — Curso de Elementos de Direito Constitucional e Administrativo dos C. A. do D. A. S. P.
- 8 — Registro de Professor de ensino particular do Departamento de Educação do Distrito Federal.
- 9 — Certificado de Registro de Secretário de Estabelecimento de Ensino Secundário.
- 10 — Portaria de admissão, na função de "Investigador" — referência "XIV" do D. F. S. P. do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.
- 11 — Elogio que lhe foi feito pelo Diretor do Gabinete de Exames Periciais, por seu espírito de cooperação no trabalho.
- 12 — Elogio do Diretor do Gabinete de Exames Periciais, pela dedicação ao serviço, quando exercia as funções de sua Secretaria.
- 13 — Elogio do Chefe do Laboratório de Patologia do Instituto Médico Legal por ter prestado serviços com a responsabilidade dos encargos administrativos, com assiduidade, zelo e eficiência.
- 14 — Elogio do Diretor do Instituto Médico Legal por seus serviços prestados, como Secretário, no impedimento do titular, revelando altas qualidades de competência, assiduidade e devotamento ao trabalho.

Secretaria do Senado Federal em 2 de outubro de 1958. — Nilton Borges Seal — Diretora do Pessoal.

ATOS DO DIRETOR GERAL

O Diretor Geral concedeu, a partir de setembro próximo passado, salário-família aos seguintes auxiliares de limpeza contratados:

- I — Gesner Batista Dutra, em relação a seu filho Carlos Henrique Cavalcanti Dutra. — (Requerimento n.º 136-58).
 - II — José Soares Cavalcante, em relação a seus dependentes: Vanilda Teixeira Cavalcante — (esposa)
Eliseu Soares Cavalcante — (filho)
José Lino Soares Teixeira Cavalcante — (filho)
- Maria de Fátima Soares Teixeira Cavalcante — (filha)
(Requerimento n.º 137-58).
- Secretaria do Senado Federal em 6 de outubro de 1958. — *Ninon Borges Seal* — Diretora do Pessoal.

ATO DO DIRETOR GERAL

O Diretor Geral, por despacho de 1.º do corrente, deferiu o Requerimento n.º 128, de 1958, em que Edmar Léllo Vieira Faria Soares, Taquígrafo, classe "N", solicita constar de seus assentamentos individuais a sua aprovação em concurso público realizado pelo D. A. S. P. para cargo inicial da carreira de Taquígrafo do Quadro da Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal, no qual foi classificado em primeiro lugar.

Secretaria do Senado Federal em 6 de outubro de 1958. — *Ninon Borges Seal* — Diretora do Pessoal.

ATOS DO DIRETOR GERAL

O Diretor Geral abonou as faltas ao serviço dos seguintes funcionários:

Acy Fanaia de Arruda — Taquígrafa — "O" — em 25 de setembro.
Adolpho Pérez — Taquígrafo — "N" — em 10, 11 e 12 de setembro.
Amélia da Costa Côrtes — Oficial

Legislativo — "PL-6" — em 9, 10 e 11 de setembro, considerando como de licença para tratamento de saúde, o dia 12.

Antônio Carlos Bandeira — Redator — "PL-6" — em 1.º, 2 e 3 de setembro.

Antônio Júlio Pires — Redator — "PL-6" — em 19 de setembro.

Edmar Léllo Vieira Faria Soares — Taquígrafo — "N" — em 25 e 26 de setembro.

Erzila Luiza de Souza Mendonça — Oficial Legislativo — "N" — em 23 de setembro.

Helena Collin — Oficial Arquivologista — "PL-7" — em 23, 24 e 25 de setembro.

José Campos Brício — Taquígrafo-Revisor — "PL-3" — em 1.º e 2 de setembro.

José Euvaldo Peixoto — Taquígrafo — "N" — em 12 de setembro.

Leda Fialho da Silva — Oficial Legislativo — "L" — em 23 e 24 de setembro.

Maria da Aparecida Jordão da Silveira Reis — Taquígrafa — "N" — em 23 e 24 de setembro.

Maria Riza Baptista Dutra — Oficial Legislativo — "L" — em 23 de setembro.

Mary de Faria Albuquerque — Oficial Legislativo — "L" — em 19 de setembro.

Myriam Côrtes Greig — Oficial Legislativo — "L" — em 19, 24 e 25 de setembro.

Pedro Leão Gonella — Auxiliar de Portaria — "J" — em 9, 10 e 11 de setembro, considerando como de licença para tratamento de saúde os dias 12, 13, 14, 15, 17, 18, 23, 24, 25, 28, 29 e 30.

Vital Martins Ferreira — Redator — "PL-4" — em 1.º, 10 e 11 de setembro, considerando como de licença para tratamento de saúde o dia 12.

Secretaria do Senado Federal em 8 de outubro de 1958. — *Ninon Borges Seal* — Diretora do Pessoal.